

Phoenicopterus roseus
Flamingo

Taxonomia:**Família:** *Phonicopteridae*.**Espécie:** *Phoenicopterus roseus* (Pallas 1811).**Código da Espécie :** A035**Estatuto de Conservação:****Global** (UICN 2004): LC (Pouco preocupante).**Nacional** (Cabral *et al.* 2005): VU (Vulnerável).**Espanha** (Madroño *et al.* 2004): LC (Pouco preocupante).**SPEC** (BirdLife International 2004): 3 (Espécie com estatuto de conservação desfavorável, não concentrada na Europa).**Protecção legal:**

- Decreto-Lei n.º 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei n.º 49/2005 de 24 de Fevereiro - Anexo I
- Decreto-Lei n.º 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna - Anexo II
- Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona - Anexo II
- Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE n.º 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE n.º 338/97 de 9 de Dezembro) ó Anexo II-A

Fenologia: Invernante**Distribuição:**

Global: O Flamingo distribui-se localmente por vários continentes, encontrando-se, no Norte, Sul e Este de África, Sudoeste da Ásia, Galápagos e também na Europa (Johnson 1994). No Paleártico Ocidental nidifica em Espanha, França, Tunísia e, mais recentemente, na Sardenha (BirdLife International/European Bird Census Council 2000). Também pode ocorrer na Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Dinamarca, Grécia, Holanda, Ilhas Canárias, Israel, Malta, Noruega, Polónia, Portugal, República Checa, Suíça, Croácia e Roménia (Cramp & Simmons 1977). Realiza movimentos dispersivos e erráticos, que ainda não são totalmente conhecidos.

Nacional: A sua distribuição no território continental abarca sobretudo a faixa litoral a sul da Ria de Aveiro, sendo os núcleos mais importantes os dos Estuários do Tejo e do Sado, Ria Formosa e Castro Marim. Começa no entanto a ser observado em açudes, barragens, lagoas ou em zonas de arrozal no interior do país.

Tendência Populacional:

Em Portugal, segundo Tait (1924), a sua ocorrência era rara e irregular no início do século XX e também na década de 70 (Cramp & Simmons 1977). Esta situação alterou-se ao longo da década de 80 e o Flamingo passou a ser uma ave comum nos principais estuários Portugueses, embora com variações significativas de mês para mês (Farinha *et al.* 1992).

Abundância:

A população invernante situa-se entre os 3 000 e os 7 000 indivíduos (Rufino 1993, Costa & Rufino 1993, 1996 e 1997, Encarnação & Guedes 1999).

Requisitos ecológicos:

Habitat: A maioria das colónias estabelecem-se em zonas húmidas tradicionais, longe do homem e dos predadores (principalmente do *Vulpes vulpes*), com grande quantidade de recursos alimentares. Frequenta lagoas abertas e pouco profundas, lagos ou deltas lodosos, zonas costeiras e menos frequentemente interiores, zonas com água salgada e alcalina; inclui estuários, salinas, arrozais, sapais, lagoas costeiras e ocasionalmente barragens. Requer grandes espaços, abertos e tranquilos. Juntam-se em águas pouco profundas para dormir, normalmente em grandes bandos, podendo fazê-lo tanto de dia como de noite.

Alimentação: Gregários, alimentam-se tanto de dia (principalmente ao amanhecer e entardecer) como de noite. Alimenta-se principalmente de pequenos invertebrados, incluindo insectos, crustáceos, moluscos, anelídeos, e alguns protozoários, matéria vegetal nomeadamente diatomáceas, algas, sementes, e ocasionalmente peixes. Esta espécie também costuma frequentar arrozais, alimentando-se dos grãos.

Reprodução: Não se reproduz em Portugal.

Ameaças:

A **expansão de zonas industriais e portuárias**, nomeadamente à custa de zonas de sapal. As zonas de vaza ou nos meandros formados pelo sapal, constituem uma importante alternativa como zonas de alimentação;

O **abandono e transformação de salinas** para outras actividades. O abandono das salinas tem constituído um dos grandes problemas para a fixação da espécie devido à perda do seu recurso alimentar principal, quer pela drenagem das mesmas ou pela sua inundação em níveis que não permitem a concentração do sal na água e assim inviabilizar a produção de *Artemia salina*;

A **drenagem e destruição de zonas húmidas** para aproveitamento urbano, agrícola e pecuário. A manutenção desta espécie depende da existência de extensas áreas de zonas húmidas onde se alimenta;

A **pressão urbanística e turística** da zona litoral. O crescente interesse sobre a faixa litoral para a instalação de complexos turísticos, tem afectado fortemente as zonas habituais de descanso e alimentação desta espécie, quer pela ocupação do solo, com a consequente destruição ou alteração do habitat, quer por um aumento significativo de perturbação que esses empreendimentos induzem em toda a área envolvente das zonas húmidas;

A utilização de **herbicidas e insecticidas** nas áreas de arrozal. A sua utilização inviabiliza a existência das suas principais presas.

A **caça ilegal**. Apesar de não ser uma espécie cinegética e de ser facilmente identificado, continua a ser vítima de caça ilegal.

O **saturnismo** resultante da utilização de chumbo na actividade cinegética em zonas húmidas. Apesar da imensa literatura publicada acerca dos efeitos nefastos deste fenómeno, de recomendações de especialistas nacionais que investigaram o problema em áreas do nosso país (Rodrigues 1998, Rodrigues *et al.* 2001) e de um número considerável de países já terem proibido a sua utilização, ainda se continua a caçar com chumbo nas zonas húmidas em Portugal.

A **colisão com linhas aéreas de transporte de energia** pode ser um importante factor de mortalidade, particularmente em dias de fraca visibilidade, quando aquelas estruturas são colocadas perto das áreas utilizadas pela espécie ou nas suas rotas de migração;

A **instalação de parques eólicos** em corredores importantes para a migração e dispersão de aves pode constituir uma importante factor de mortalidade da espécie através da colisão nas pás dos aerogeradores. Os traçados eléctricos que estão associados aos parques eólicos constituem outro problema importante devido aos subsequentes riscos de colisão.

Objectivos de Conservação:

Manter a presença da população invernante no país.

Conservar as principais zonas de descanso e alimentação.

Promover a continuidade das rotas migratórias.

Orientações de Gestão:

- Manter e incrementar as áreas de habitat de suporte potencial para alimentação da espécie;
- Impedir a conversão de sapais;
- Manter as salinas em actividade e efectuar gestão adequada das salinas abandonadas, nomeadamente através de medidas específicas de incentivo, nas áreas mais importantes para a conservação da espécie;
- Incrementar a sustentabilidade económica das salinas, nomeadamente através da certificação de produtos;
- Promover a criação de salinas artificiais e lagos salgados temporários;
- Proceder com maior eficácia na fiscalização nas áreas de alimentação para evitar a caça ilegal;
- Manter e melhorar a qualidade da água pelo tratamento eficaz das descargas de efluentes.
- Fiscalizar e controlar o funcionamento e eficácia das ETAR e monitorizar a qualidade da água;
- Controlar e fiscalizar a quantidade e qualidade dos herbicidas e fertilizantes utilizados na cultura do arroz;
- Interditar o uso do chumbo na actividade cinegética em zonas húmidas;
- Proibir a instalação de linhas eléctricas de transporte de energia nas áreas mais importantes para a espécie;
- Equipar as linhas eléctricas de transporte de energia já existentes, e que se revelem mortíferas para a espécie, com sinalizadores anti-colisão;
- Condicionar a instalação de parques eólicos nas áreas mais importantes para a migração e dispersão da espécie.
- Desenvolver estudos de monitorização do impacte das linhas eléctricas de transporte de energia já existentes, de forma a conhecer o seu efeito na população nacional destas aves;
- Monitorizar os parâmetros populacionais;
- Elaborar os planos de gestão / ordenamento dos locais de que a espécie depende, nomeadamente das ZPEs mais importantes para a espécie.

Bibliografia:

BirdLife International / European Bird Census Council (2000). *European bird populations: estimates and trends*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

BirdLife International (2004). *Birds in Europe: Population Estimates, Trends and Conservation Status*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

- Costa L & Rufino R (1993). Contagens de aves aquáticas em Portugal ó Janeiro 1993. *Airo* 4 (2): 57-67.
- Costa L & Rufino R (1996). Contagens de aves aquáticas em Portugal ó Janeiro 1997. *Airo* 7 (1): 36-43.
- Costa L & Rufino R (1997). Contagens de aves aquáticas em Portugal ó Janeiro 1997. *Airo* 8 (1/2): 25-32.
- Costa H, Araújo A, Farinha JC, Poças MC & Machado AM (2000). *Nomes Portugueses das Aves do Palearctico Ocidental*. Assírio & Alvim, Lisboa.
- Cramp S & Simmons KEL (eds.) (1977). *Handbook of the birds of Europe, the Middle East and North Africa: the birds of the Western Palearctic, (Ostrich to Ducks)*, Vol. I. Oxford University Press, Oxford.
- Encarnação V & Guedes RS (1999). Contagens de aves aquáticas em Portugal. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa. Relatório interno.
- Farinha JC, Serra Guedes R, Encarnação V, Severo A & Monteiro P (1992). Recenseamento e distribuição do Flamingo *Phoenicopterus ruber roseus* em Portugal em 1992. *Airo* 3 (2): 64-66.
- Farinha JC & Trindade A (1994). *Contribuição para o inventário e caracterização de zonas húmidas em Portugal continental*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.
- Farinha JC & Costa H (1999). *Guia de Campo das Aves Aquáticas de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.
- Johnson A (1994). *Greater Flamingo Phoenicopterus ruber*. In: *Birds in Europe: their conservation status*. Pp.106-107. Tucker GM & Heath MF. BirdLife Conservation Series No. 3. BirdLife International, Cambridge.
- Madroño A, González C & Atienza J C (eds.) (2004). *Libro Rojo de las aves de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza, Ministerio de Medio Ambiente / Sociedad Española de Ornitología / BirdLife, Madrid.
- Rodrigues DJC (1998). Dieta estival e risco de saturnismo do Pato-real *Anas platyrhynchos* nos arrozais da Quinta do Canal. *Airo* 9: 33-40.
- Rodrigues DJC, Figueiredo MEMA & Fabião AMD (2001). Mallard lead poisoning risk in central Portugal. *Wildfowl* 52: 171-176.
- Rufino R (1993). *Contagens de Aves aquáticas invernantes - Janeiro 1992*. Estudos de Biologia e Conservação da Natureza, nº 12. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.
- Tait WC (1924). *The Birds of Portugal*. H. F. & G. Witherby.
- UICN (2004). *2004 IUCN Red List of Threatened Species*. <<http://www.redlist.org>> .
- Wetlands International (2002). *Waterbird Population Estimates – Third Edition*. Wetlands International Global Series No. 12, Wageningen, The Netherlands.